

Excelentíssima senhora prefeita, Luiziane Lins
Excelentíssimo senhor presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, Acrísio Sena.

Excelentíssimo senhor vereador, João Alfredo.

Demais autoridades presentes nesta sessão solene de homenagem a este servo de Cristo.

Senhores, senhoras.

Saúdo a todos e todas que se fazem presentes a este ato e aos que se unem espiritualmente e nos acompanham pelos meios de comunicação.

Agradeço pelas palavras que me foram dirigidas e confesso que estou emocionado diante da manifestação de tanto amor e apreço desta cidade, que me acolheu desde 2006, ano de minha ordenação episcopal nesta cidade. Confesso também que estou aqui muito encabulado. Primeiro, porque não sei como acolher todas as manifestações de afeto, carinho e as homenagens que tenho recebido nos últimos dias. Segundo, porque acredito que a missão que abracei, me leva a viver sempre na gratuidade... amando, servindo, doando a vida na paixão por Ele sem esperar nada em troca. Assim está escrito na homilia proposta no rito da ordenação episcopal: “O episcopado significa trabalho, não honra; e o Bispo, mais do que presidir, tem obrigação de servir. Segundo o ensinamento do Mestre, aquele que é maior, seja como o menor, e o que preside como quem serve”.

Ao escolher o tema do serviço no texto “Eu estou no meio de vós como aquele que serve!” (cf. Lc 22,27) como iluminador de meu ministério sacerdotal, sempre me perguntei: Servir, mas em que mesa? Pois só faz diferença em nossa missão o serviço constante, eficaz, desinteressado e sacrificado. O Evangelho ensina que a medida, ou o critério do amor humano, da caridade e da solidariedade é o amor com que Cristo amou a humanidade: “dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros”.

Aos poucos fui descobrindo que a mesa onde eu deveria servir é a dos povos crucificados, forçados a carregar em seus ombros o peso do pecado de um sistema perverso e opressor. É a mesa dos “insignificantes”, não só por

razões econômicas, mas também culturais, étnicas, raciais, de gênero, sexo... É a mesa daqueles que não contam para mais nada: do ponto de vista econômico, não geram lucro; do ponto de vista social, são um atraso de vida – anti-sociais; do ponto de vista étnico, são negros, indígenas, ciganos, migrantes; do ponto de vista religioso, não vão à Igreja; do ponto de vista ético, são infratores; do ponto de vista cultural, não são “cultos”; do ponto de vista político, não votam ou vendem o voto; são multidões de pobres.

Descobri em minhas andanças missionárias que servir essa mesa, não é ser progressista ou conservador, de direita ou de esquerda... A mesa dos pobres não é somente campo de trabalho, mas lugar de residência, de encarnação de Deus e nossa. Como diz um belo texto da “Gaudium et Spes”, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, aprovada no Concílio Vaticano II: As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens (e das mulheres) de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”. (GS 1).

Essa homenagem gostaria que não fosse para este pobre servidor, mas para todos que se têm empenhado na mesa dos despossuídos com coração de pastores e pastoras, estando a serviço da defesa e da promoção dos direitos humanos, da formação para a cidadania no cuidado da vida. Acolho com afeição e carinho essa homenagem, que é por uma Igreja que, na fidelidade a Jesus Cristo, se esforça por se colocar a serviço do Reino de Deus, na defesa do povo, principalmente, das minorias, através de bispos, padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas que, na Comissão Episcopal Pastoral Caridade Justiça e Paz, no Setor Mobilidade Humana da CNBB, no Serviço Pastoral do Migrante (SPM), na Pastoral do Povo da Rua nacional ou arquidiocesana, enfim nas Pastorais Sociais, buscam ser presença da compaixão de Cristo no coração da sociedade.

Como homenageado, faço um apelo a todos que integram esta casa. Façam uma homenagem à sociedade tendo uma vida honesta, extirpando da vida pública toda e qualquer forma de corrupção. Como diz Chico Whitaker, membro da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, da CNBB, e do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial: A sabedoria popular nos diz que o exemplo sempre vem de cima. Os corruptos incentivam todos os tipos de roubo pela sociedade a fora. Um representante político que rouba libera seus representados para fazerem o mesmo.

A todos convoco: vamos fazer uma grande homenagem ao Estado brasileiro nos empenhando na participação da 5ª. Semana Social Brasileira que nos questiona: ***Estado pra que e para quem?*** Vamos entrar nesta roda, para discutir democratização do sistema político – reforma política, mudanças no sistema eleitoral e garantias da participação popular -; democratização da economia - orçamento participativo, distribuição de renda justa, controle da prestação das contas públicas -; democratização da gestão das políticas públicas etc.

Recebi com alegria minha nomeação para bispo da diocese de Pesqueira, em Pernambuco. Terra do doce, da renascença, mas também do povo Xukuru do Ororubá. Mas vou com o coração saudoso, por ter que deixar tantos amigos na Terra do Sol.

Que as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da CNBB possa orientar nossos passos para descobrirmos sempre a que mesa devemos servir quando diz que :

“Evangelizar é uma ação eminentemente profética, anúncio de uma Boa Nova portadora de esperança. A profecia será, pois, a forma mais eficaz de anunciar a Boa Nova. [...] Faz-se, pois, necessário aprofundar a dimensão profética da ação evangelizadora com suas consequências para a nossa atuação diante dos desafios que a nova cultura nos coloca.”

(“Evangelização e missão profética da Igreja” da 43ª Assembleia Geral, Documentos da CNBB 80, 2005, cap. 1).

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas ...

Que já têm a forma do nosso corpo ...

E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares ...

É o tempo da travessia ...

E se não ousarmos fazê-la ...

Teremos ficado ... para sempre ...

À margem de nós mesmos”

(Fernando Pessoa)